

## IMAGENS DA AMAZÔNIA EM *THE SEA AND THE JUNGLE*, DE H. M. TOMLINSON

Eliomar Rodrigues da Rocha - UNICAMP

**RESUMO:** Investigo neste texto algumas imagens da Amazônia pintadas no relato de viagem *The Sea and the Jungle*, do escritor inglês H. M. Tomlinson. Minha argumentação é que essa narrativa retrata o nativo como um ser de outro mundo, como em um sonho, ou seja, como a antítese do europeu. Viajando apenas como um olho desencarnado, uma *seing mind*, este viajante e peregrino, numa fuga apressada da cidade de Londres, canta as paisagens amazônicas de uma forma sublime. Entretanto, quando se refere ao nativo, algumas exasperações de uma tendência voltada para a etnocentria, o racismo e todas outras formas disfarçadas de xenofobias são reforçadas.

**Palavras-chave:** relato de viagem, H. M. Tomlinson, racismo.

**ABSTRACT:** I investigate in this text some images of Amazon depicted in the travel writing *The Sea and the Jungle*, written by H. M. Tomlinson. My argumentation is that this narrative depicts the native as a being from Other world, like in a dream, I mean, as an antithesis of an European. Traveling as only an disembodied eye, a seing mind, this traveller and peregrin, in a scape from London city, sings the Amazon landscapes in a sublime way. Yet when he refers to the native some exasperation of an ethnocentric tendency, racism and all others unveil ways of xenophobies are reinforced.

**Keywords:** Travel writing, racism, H. M. Tomlinson.

*A nation which colonizes, a civilization which justifies colonization - and therefore force - is already a sick civilization...* [Uma nação que coloniza, uma civilização que justifica a colonização e, portanto, força, já é uma civilização doente].

Aimé Césaire - *Discourse on colonialism*

*The Sea and the Jungle*, do escritor inglês Henry Major Tomlinson, retrata a Amazônia como um lugar “nas costas do mundo”. Portanto, como um lugar de negações vagamente familiares em comparação com o estado político, econômico, cultural e espiritual inglês, como não poderia deixar de ser, pois quando H. M Tomlinson visitou a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em 1910, o Brasil dava seus primeiros passos rumo à aclamada Modernidade e, a Amazônia, então, era submetida aos avanços tecnológicos da época. Assim é que a última sentença da narrativa tomlinsoniana funciona como

moldura que enquadra a região amazônica como um lugar na periferia do mundo e, portanto, primitiva e selvagem em relação à Inglaterra, terra natal do prosador-viajante. O centro do mundo, então, é confirmado outra vez: “*Here again was the centre of the world*” (1999: 258). [Aí, outra vez, estava o centro do mundo]. Como afirma a crítica canadense Mary Louise Pratt, em seu fascinante trabalho *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, há a necessidade europeia de “apresentar e re-apresentar para si mesma suas periferias e seus “outros” (1999: 38). Essa necessidade e esse esforço contínuo - apesar de não serem novos - confirmam que o relato de viagem está elaborado como uma dessas formas de reafirmação da superioridade dos europeus em detrimento dos seus Outros, os viajados.

Nessa perspectiva, apesar de ser considerado um libelo da literatura de viagem, *The Sea and the Jungle* não deixa de despertar no leitor amazônico - talvez, por ser uma prosa que se encarrega mais da exaltação do eu e do culto à tecnologia, como Tomlinson saúda e faz amizade com o vapor *Capella*, do que de descrições sublimes do mar e da selva - certos questionamentos inerentes à constituição de si mesmo (do sujeito *viajado*, termo utilizado por Mary Louise Pratt para se referir aos nativos) aos olhos do seu Outro, o viajante-escritor. Gostaria, portanto, de discutir alguns pontos dessa representação do “homem da Amazônia”, a saber: a) por que a constituição do nativo é vista como inferior em relação ao homem europeu?; b) que marcas caracterizam sua inferioridade em relação ao viajante primeiro-mundista?; c) em que medidas são moldadas (as marcas) pelo próprio indivíduo amazônico?; d) que parâmetros (políticos, culturais, históricos, econômicos) são utilizados para essa comparação e constituição do Outro?

*The Sea and the Jungle* é a narrativa da viagem de Tomlinson à Amazônia no final de 1909 e início de 1910, visto que o navio zarpuou em uma manhã de domingo do mês de dezembro do referido ano e chegou ao Pará no dia 05 de janeiro de 1910. O relato foi publicado pela primeira vez em 1912, na Inglaterra, e garantiu a seu autor - até então um jornalista pouco conhecido - lugar entre os grandes autores de relatos de viagem que têm como tema a América do Sul e que, certamente, influenciaram Tomlinson. Charles de la Condamine, Alexander von Humboldt, Bates, Spix e Martius, Wallace, entre outros, eram lidos e relidos por H. M. Tomlinson. Nas primeiras páginas da narrativa, o viajante britânico celebra sua libertação de um mundo em crise, - ele se refere à *Great Crisis* algumas vezes, pois a Inglaterra vivia, na época, uma crise política, econômica e cultural nos turbulentos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial -, regozija-se da oportunidade da viagem aos trópicos e, enfasiado do mundo londrino, decide juntar-se à tripulação do *Capella*, e louvar a Liberdade:

*Now do I come at last, O Liberty, my loved and secret divinity! Your passionate pilgrim is here, late, though still young and eager eyed; yet with his coat collar up-turned for the present. Allons! the Open Road is before him*” (1999: 08) [Agora venho, finalmente, Oh Liberdade, minha amada e secreta divindade! Seu apaixonado peregrino está aqui, atrasado, contudo

ainda jovem e com olhos ansiosos; mas com a gola do seu casaco virada para o presente. Adiante! A Estrada Aberta está diante dele].

Tomlinson inicia sua narrativa com a imagem de um jardim num subúrbio de Londres; segue para o porto de Swansea e ali embarca no *Capella*, numa aventura rumo ao Pará, no Brasil, e adentra a floresta amazônica através dos rios Pará, Amazonas e Madeira até a cachoeira de Santo Antônio. O viajante abandona, temporariamente, seu trabalho no *Morning Leader*, jornal de Londres, e é contratado como um dos comissários de bordo do *Capella*, cargueiro que levaria materiais ferroviários e suprimentos para os trabalhadores encarregados da construção da fase final da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) que, na época, estava sob a direção de Percival Farquhar, *The Last Titan* [O último Titã], como o denomina Charles Gauld, seu biógrafo.

O relato de Tomlinson não somente fascina, como também é capaz de “libertar a mente do corpo” e ao mesmo tempo conscientizar seus leitores da vastidão e belezas incomensuráveis da Amazônia e de seus perigos também e, como um retrato maravilhoso da viagem aos trópicos – sob os olhos estelares de Órion, Sirius, as Plêiades, Ursa Maior e a beleza dos mares, nuvens, crepúsculos, auroras, florestas, gaivotas e todos os sons e ruídos transformados em música, etc., - isentar o leitor desse empreendimento da viagem à Amazônia brasileira. Como bem o diz Evan Connell, um de seus prefaciadores, “another reason I am glad to have read *The Sea and the Jungle* is that now I feel no obligation to explore the Amazon” (1999: viii). [Outra razão pela qual estou contente de ter lido *The Sea and the Jungle* é que agora não sinto nenhuma obrigação de explorar a Amazônia]. Entretanto, as grandes extensões de terras às margens dos inúmeros rios, lagos, paranás e igarapés amazônicos são esplendorosas, devido sua exotividade, mas ahistóricas, pois vistas como inóspitas e devolutas, cheias de malária, febre amarela, disenteria, beribéri, etc. Seus habitantes, grosso modo, são pintados como primitivos, tolos, desengonçados, preguiçosos, entretanto, necessários para a auto-congratulação de um espectador inglês. Vejamos um primeiro trecho que descreve o “homem amazônico”:

*The Paraenses, passing by at a lazy gait - which I was soon compelled to imitate - in the heat, were puzzling folk to one used to the features of a race of pure blood, like ourselves. Portuguese, negro, and Indian were there, but rarely a true type of one. Except where the black was the predominant factor the men were impoverished bodies, sallow, meagre, and listless; though there were some brown and brawny ruffians by the foreshore. But the women often were very showy and creatures, certainly indolent in movement, but not listless, and built in notable curves. They were usually of a richer colour than their mates, and moved as though their blood were of a quicker temper. They had slow and insolent eyes. The Indian has given them the black hair and brown skin, the negro the*

*figure, and Portugal their features and eyes.* (1999: 89). [Os paraenses, passando de forma desajeitada – que logo fui impelido a imitar – no calor, eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses. O português, o negro e o indígena estavam ali, mas raramente um tipo verdadeiro de alguém. Exceto, onde o negro era o fator predominante, os homens tinham o corpo empobrecido, pálido, frágil e apático, embora houvesse alguns morenos e valentões musculosos na praia. Mas as mulheres eram criaturas muito enfeitadas e aparatosas, certamente indolentes em movimentos, mas não apáticas. Geralmente tinham uma cor mais rica do que a de seus companheiros, e se moviam como se seu sangue fosse de um temperamento mais ágil. Elas tinham olhos lentos e insolentes. O indígena lhes deu o cabelo negro e a pele morena, o negro lhes deu a estatura, e o português suas características físicas e olhos].

Esta longa citação demonstra o lócus de enunciação do viajante. Para ele, o híbrido correspondia á debilidade, a “um tipo não verdadeiro de alguém”. Dificilmente poderia haver maior demonstração de preconceito racial em uma narrativa que tem como eixo central a descrição da fauna e flora amazônicas em detrimento de seus nativos. Há homens de porte desajeitado e mulheres sem muita beleza. Apenas suas curvas são notáveis: estereótipo colonialista da eterna lascívia do Outro. “Raça pura”, *like ourselves* [como nós mesmos], escreve Tomlinson, não poderia haver nos trópicos, então. É assim que Tomlinson, embalado pelo discurso racista, descreve o homem amazônico em sua radiografia do mar e da selva. As características físicas dos paraenses são, é o que se percebe em várias construções de Tomlinson, associadas à violência, à agressividade, ao bestialismo, à selvageria. Assim, a hibridização associa-se à desumanização do indivíduo. São estranhos situados além de todos os vínculos humanos. A cultura, acatando aqui a concepção de Clifford Geertz, “como algo essencialmente semiótico”, acreditando que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (2002: 15); a cultura como “ciência interpretativa”, é utilizada fielmente por Tomlinson para a sua constituição do “homem amazônico”. Entende-se aqui por “homem amazônico”, o caboclo, independente de sua condição racial. Como bem o descreveu João de Jesus Paes Loureiro em seu trabalho *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, o:

[...] homem amazônico, o caboclo, é o homem que viveu e vive habitando isoladamente em algumas áreas, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas do rio e da chuva e imprimindo este ritmo fracionado e múltiplo, indefinidamente enraizado na chance de uma evasão na imensidade amazônica” (1995: 38).

Na descrição tomlinsoniana dos indivíduos paraenses e, em especial dos *ruffians*, antigo adjetivo inglês para “homens violentos e desagradáveis”, o inconsciente racista surge explicitamente como insulto ao outro; *brigões* como signos da ambivalência da Modernidade. Esses indivíduos, ao que se pode depreender, representam ameaça à elevação do humano “civilizado”. A mente tomlinsoniana vincula-se, de início, à tecnologia, ao sacrifício e ao destino civilizador dos “homens de cultura” em oposição às “características biológicas”, atrasos político, econômico e cultural dos povos da Amazônia. Entretanto, ao longo de sua viagem, ele pouco a pouco, devido sua flexibilidade de espírito, tornar-se maleável com os viajados. Se por um lado sua postura é heróica em relação à celebração do *Capella*, pode ser vista como etnocêntrica em relação ao homem amazônico. É mais uma visão romântico-tecnológica do que uma visão humanista liberal, portanto. Os homens amazônicos estão alheios ao seu próprio mundo e a visão conceitual tomlinsoniana deixa o humano fora de lugar, destoante, “estranho” ao ambiente amazônico.

Nessa zona de contato - de acordo com a crítica canadense Mary Louise Pratt, “espaço de encontros coloniais no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato uma com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (1999: 31) - as imagens tomlinsonianas massacram os nativos e enaltecem os viajantes estrangeiros. Pode-se verificar essa afirmativa na parte em que Tomlinson faz um interessante relato de seu encontro com Marion Hill, um texano que trabalhava na EFMM, em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia hoje:

*He said his name was Marion Hill, of Texas. He wore muddy riding breeches, and a black shirt open at the throat, and boots of intricately embossed leather which came well up his thighs, spurs that would have ravelled a pachyderm, and the insolent hat of a bandit. He had a waistbelt heavy with guns and ammunition. I saw his face, and divined instantly that this was a man, and that the memory of a time with him would serve me as a refuge in the grey and barren years, and as a solace. I told him I would get my things together* (1999: 203) [Disse que seu nome era Marion Hill, do Texas. Usava uma calça de montaria enlameada, uma cabeça preta aberta no pescoço, botas de um couro intrincadamente ornado de relevos e que chegavam até os joelhos, esporas que teriam picado algum paquiderme, e também o insolente chapéu de um bandido. Ele tinha um pesado cinturão de armas e munições. Vi seu rosto e adivinhei instantaneamente que esse era um homem, e que a lembrança dos momentos em que estivesse com ele servir-me-ia de refúgio nos anos cinzentos e pobres, como conforto].

Características nas vestimentas do norte-americano com forte impulso à virilidade e ao banditismo são rapidamente vistas como um momento valioso para a memória de

Tomlinson: “vi seu rosto e soube instantaneamente que esse era um homem e aquela a memória de um tempo com ele que me serviria como refúgio nos anos difíceis e como um consolo”. Contrastada à imagem do homem amazônico, seu encontro com um texano é suficiente para que a ideia de um “homem perfeito” apodere-se de sua mente imaginativa e fantasiosa. Isso mostra-nos que as imagens tomlinsonianas a respeito dos nativos da Amazônia são racistas e, portanto, inadequadas. A Amazônia, então, é algo para ser submetido assim como a pintura dos nativos deve ser revelada, mesmo que de forma preconceituosa, para a integridade e a segurança dos ditos civilizados? Suas construções imagísticas das pessoas da Amazônia denigrem a integridade do nativo e insultam seus ancestrais, sua memória coletiva e suas tradições. A desumanização dos indivíduos amazônicos empalidece um pouco a obra. Entretanto, colhidos todos seus deslizes, pouco representarão diante das passagens memoráveis e sublimes de seu experimento discursivo.

Certamente Tomlinson tinha problemas com os não-ingleses, parece-me. Apesar da tripulação do *Capella* ser composta por diferentes nacionalidades, Tomlinson, logo no primeiro capítulo do romance, descreve alguns de seus companheiros marinheiros de forma um tanto quanto depreciativa. Assim, quando descreve um marinheiro britânico os adjetivos são: “alto, ereto, admirável” e assim sucessivamente; quando descreve outras nacionalidades os adjetivos encarregam-se da negatividade: “tolo, desajeitado, estúpido, disforme, perigoso”, por exemplo, figuram em sua descrição. Destaquemos um trecho em que o narrador descreve ajudantes de convés e foguistas do navio *Capella*.

*Of the others, there was a Teutonic bunch of lads, deck-hands, which I never succeeded in segregating, they looked so much alike. They had pimpled, idle faces, and neutral eyes, cast down when they sidled by one, thin down on their chins, and grimy raiment which, by the look of it, was an integument never cast after we left port. One name would have covered that lot, and frequently I heard the mates use it. But Olsen, the Norwegian with a blond moustache which covered his mouth like a fog-protector, and stern blue eyes, was a sailor. The firemen made a better bunch. There was among them a swarthy Brazilian, whose constant smile seemed ever on the point of breaking into song, but that he was always chewing the end of a sweat rag he wore twisted round his neck. The happy feature of our firemen was a Dutchman, whose hollow face was full of silent woe and endurance. He was our chief joy. When once we found the sun, he then appeared in a single garment, trousers and braces cut in one piece of brown canvas, hauled up well under his arms, leaving his slab feet remote and forlorn. His torso was bare, a dancing girl in red and blue tattooed on his chest. He wore a bowler hat without a brim (1999: 67).* [Dos outros, havia um grupo de rapazes teutônicos, ajudantes de convés, que eu nunca conseguia distingui-los, eram muito parecidos. Tinham espinhas, cara de preguiçosos

e olhos neutros, ficavam cabisbaixos quando passavam por alguém, seus queixos finos para baixo e a roupa encardida que, pela aparência, era uma cobertura que nunca tinha sido trocada, desde que deixamos o porto. Apenas um nome cobriria aquele grupo e, freqüentemente, eu ouvia os marinheiros chamando. Mas Olsen, o norueguês com um bigode loiro que cobria sua boca, como um protetor, e olhos azuis severos, era um marinheiro. Os foguistas formavam um grupo melhor. Havia um brasileiro moreno entre eles, cujo sorriso constante, parecia sempre pronto para iniciar uma canção, mas que estava sempre mastigando a ponta de um trapo suado que usava torcido em volta do pescoço. A característica feliz de nossos foguistas era um holandês, cujo rosto esburacado estava cheio de resistência e aflição silenciosa. Era nossa alegria principal. Quando, uma vez, encontramos o sol, ele então apareceu em vestimenta única, calça e suspensórios cortados de lona marrom, bem puxados em seus braços, deixando seus pés achatados distantes e desamparados. Seu torso estava descoberto, uma dançarina de vermelho e azul estava tatuada em seu peito. Ele usava um chapéu de feltro sem uma aba].

A questão que ecoa nessa imagem talvez tenha tomado formas diferentes na mente de eras variadas, mas sempre esteve guiada pela acentuação da desigualdade entre as raças. O imaginário daqueles que não vivem na Amazônia concentra-se, geralmente, mesmo na atualidade, em florestas, rios e indígenas despidos dançando eternamente em algum ritual. As diversas comunidades ribeirinhas dispostas às margens dos rios, igarapés, lagos, furos e estradas frequentemente são eliminadas ou pintadas como um mundo que se despedaça. A alegria pela descaracterização do Outro indica, como ele mesmo escreve, que os ingleses que faziam parte da tripulação representavam muito bem o seu país e eram modelos de homens civilizados. Veja-se, por exemplo, médico, oficiais e engenheiros que faziam parte da tripulação refinada da companhia. Em contrapartida, em meio à tripulação do *Capella* “havia um brasileiro moreno, cujo sorriso constante parecia sempre pronto para iniciar uma canção, mas que estava sempre mastigando a ponta de um trapo suado que usava torcido em volta do pescoço”, escreve Tomlinson. A tradução do brasileiro envereda-se por estereótipos raciais que, por um lado, estão ligados à falta de higiene e eterna felicidade do povo brasileiro, por outro à falta de consciência dos problemas da modernidade.

Em Itacoatiara, no rio Amazonas, Tomlinson faz um breve passeio pela floresta tropical; visita um grupo de nativos e depois de vangloriar-se, mas não deixar de ironizar sua comunidade em Poplar, em Londres, e de ali ter contribuído com algumas moedas para “alegrar a existência dessas pessoas que pus dinheiro em uma igreja em Poplar” (1999: 113), faz a seguinte declaração:

*But these savages of the Brazilian forest know nothing of the immortal joke conceived by their cleverer brothers. They have all they want.*

*Experience has not taught them to devise such a cosmic mock as a Poor Law. How do these poor savages live then, who have not been vouchsafed such light? They pluck bananas, I suppose, and eat them, swinging in hammocks. They live a purely animal existence. More than that, I even hear that should you find a child hungry in an Indian village, you may be sure all the strong men there are hungry too* (1999: 113). [Mas esses selvagens da floresta brasileira não sabem nada sobre a piada imortal concebida por seus irmãos mais inteligentes. Eles têm tudo que querem. A experiência não lhes ensinou a criarem semelhante escárnio cósmico como uma Lei de Ajuda aos Necessitados. Como esses pobres selvagens vivem então, cuja luz não lhes tem sido dada? Eles arrancam bananas, eu suponho, e as comem balançando-se em suas redes. Eles vivem uma existência puramente animal. Mais do que isso, ouvi que se você encontrar uma criança faminta em alguma aldeia, pode estar certo de que todos os homens fortes estão famintos também].

A *Poor Law*, antigo conjunto de leis britânicas que concedia ajuda às pessoas pobres, não estava escrita em nenhum código amazônico, mas a lei da boa vizinhança certamente era e ainda o é seguida na região. A ajuda nos trabalhos de roçados, plantações e colheitas, como também na divisão da pesca e da caça ainda vivem no coração e na alma de muitos homens amazônicos. Todavia, para um espectador passivo tais costumes não são vivenciados, pois lhe falta a convivência com os nativos. Sua pressa em imaginar e julgar os selvagens da floresta amazônica o incapacitou para tal experiência. Assim, a imagem do social em Itacoatiara está inclinada à fantasia e à imaginação de uma vertente preconceituosa. Uma “existência puramente animal” elimina a parte humana do indivíduo e o conduz ao retorno à primitividade. Assim, os ingleses situam-se numa linha progressiva que mescla o social e o cultural em estado de elevação e os amazônicos em uma eterna manhã primeva presa ao animalesco e desumano, portanto, incapazes de qualquer lei de sociabilidade. Mas, como diz Silviano Santiago, “a condição de viajante (de viajante sabichão, já que sabe mais do que os nativos) é indispensável ao europeu que quer impor um significado ao seu Outro no próprio campo do Outro” (1989: 201). Aqui podemos aproximar Tomlinson de Joseph Conrad com seu célebre, mas não pouco racista, *Heart of Darkness*, relato da viagem do próprio Conrad ao Congo, na África, e imortalizada, a viagem, na narração de Marlow, personagem-narrador do romance que celebra o Tâmis e escurece o Congo e seus habitantes.

Evan Connell, já citado neste texto, afirma que “*Tomlinson has been compared in certain ways to Joseph Conrad, we are told by The Reader's Encyclopedia, and with this book he established himself as a writer of “real literature”* (1999: viii). [Tomlinson tem sido comparado, em certas maneiras, a Joseph Conrad, somos informados pelo *The Reader's Encyclopedia* e, com este livro, Tomlinson se estabelece como um escritor de uma “verdadeira literatura”]. Viajando como um sujeito inglês, Tomlinson declara que

*“who goes travelling should leave his self at home, or as much of it as is not wanted on the voyage. It is surprising to find how little you want of yourself. The ideal traveller would venture out merely as a disembodied thought, or, at most, as an eye”* (1999; 69). [Quem viaja deveria deixar o si-mesmo em casa, bem como muito do que não é desejado na viagem. É curioso descobrir quão pouco você quer de você mesmo. O viajante ideal deveria aventurar-se simplesmente como um pensamento desencarnado, ou, no máximo, como um olho]. Ter a consciência da necessidade do “despir-se de si mesmo” e reconstituir-se na viagem ecoa o discurso descolonizador dos estudos pós-coloniais e da necessidade de compreender o Outro. Como acredita Hommi Bhabha, a diferença cultural “é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (2005: 63). Assim, continua o teórico, “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas de desenvolvimento e progresso” (2005: 21).

*The Sea and the Jungle* glorifica céus e terras amazônicas, evoca mitos e lendas gregas e, numa pintura sublime, transforma os viajantes em “argonautas” do Atlântico – provavelmente Tomlinson se refira ao mito grego que narra a busca do Velocino de Ouro por Jasão e seus tripulantes - e os eleva às alturas celestiais. Cito Tomlinson novamente:

*We were the Argonauts, and our world was bright with the veritable self-radiance of a world of romance where the things that would happen were undreamed of, and we watched for them from our argosy's side, calm and expectant; my fellows were transfigured, looked huge, were rosy and awful, immortals in that light no mortal is given to see* (1999: 59). [Éramos os argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira auto-radiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis e nós olhávamos para elas de nosso lado do navio, calmos e com expectativas; meus companheiros estavam transfigurados, pareciam enormes, estavam rosados e terríveis, imortais naquela luz que nenhum mortal é dado a ver].

Os tesouros da viagem não são imagens dos encontros com os nativos, como pudemos mostrar neste texto, mas a própria projeção de si mesmo, do viajante e de seus companheiros, ao mundo do sublime, a um mundo capaz de transfigurá-los e imortalizá-los. Essa conquista, a meu ver, apesar de toda a beleza espiritual mostrada, é apenas mais uma anticonquista dos “heróis-viajantes”. A anticonquista, segundo Pratt, configura-se como “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia” (1999: 32). Esse termo, que serve como estímulo à

contraposição do discurso europeu que, geralmente, é construído pelo viajante masculino, “aquele cujos olhos imperiais”, afirma Pratt - “passivamente vêm e possuem” (1999: 33), devolve ao nativo sua natureza transfigurada, plasmada no discurso do viajante. Esse “crepúsculo dos deuses” faz parte da cultura amazônica e com ele estão entretecidos muitos mitos locais, marcas identitárias amazônicas que nos diferenciam dos viajantes, mas não como forma de distanciamento e autocongratulação. É tão somente uma tentativa de compreender a natureza tropical e nos aproximarmos das alturas celestiais. “A cultura”, nos termos de Edward Said, “é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, uma fonte de identidade bastante combativa que vem a ser associada, muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado; isso “nos” diferencia “deles”, quase sempre com algum grau de xenofobia” (1995: 13).

Em síntese, a constituição do “homem amazônico” é vista como inferior em relação ao europeu, porque Tomlinson a concebeu simplesmente como resultado de processos de seleção natural darwinista; então, os traços físicos dos amazônicos associados ao arraigamento do solo foram subjugados em favor dos traços relacionados com o “homem civilizado” da metrópole industrial. As marcas que caracterizam a inferioridade do nativo em relação ao viajante primeiro-mundista estão imbricadas em um racismo biológico que, também, devem corresponder à capacidade mental do nativo para se organizar em sociedade. Porém, em nenhum momento essas medidas são moldadas pelo próprio indivíduo amazônico. É impossível compreender atitudes discriminatórias a partir do objeto observado. Os parâmetros políticos, culturais, históricos, econômicos e sociais são utilizados para essa comparação e constituição do Outro na medida em que o viajante detém a técnica da escrita e da tecnologia moderna. Todo arsenal tecnológico da época fora colocado a serviço da industrialização em detrimento do humano e Tomlinson, como um intelectual apaixonado por navios e leitor assíduo dos viajantes-escritores predecessores - Hakluyt, Humboldt, Bates, Spruce e Wallace - empreende a viagem aos trópicos e escreve *The Sea and the Jungle* que, como pontua Evan Connell, “*can release the mind from the body*” [pode liberar a mente do corpo], porém, influenciado pelas lentes de Carl Liné, acaba tratando os povos da floresta como “inferiores” e seu registro se torna modelo para muitos de seus sucessores, entre eles Charles Wagley, antropólogo norte-americano que morou cinco anos numa comunidade no Pará, no final da primeira metade do século 20 e escreveu *Amazon Town: a study o man in the tropics*, mais um romance um tanto quanto preconceituoso e minimizador das competências do homem amazônico. Geoffrey O'Connor com seu *Amazon Journal*; Bob Reiss com *The Road to Extrema*; Augusta Dwyer, *Into the Amazon*; Andrew Revkin com *The Burning Season*; Alex Shoumatoff com *The World is Burning* e George Monbiot com *Amazon Watershed* que, como Wagley, também vieram para a Amazônia e pintaram suas gentes como seres retrógrados com subculturas como entraves ao “progresso” da humanidade, são exemplos dessa enxurrada de estrangeiros às terras das famosas Amazonas. Todos esses romances, entretanto, são fontes valiosíssimas para estudos da fauna, flora, sociedades e

costumes amazônicos e podem ser usados como fonte de descolonização dos próprios sujeitos viajados. Afinal, viajante e viajados são partes indissociáveis em qualquer relato de viagem. Daí, ser de grande pertinência a tradução desses relatos para a língua portuguesa do Brasil. Não que esse seja o único motivo para o trabalho tradutório, mas possibilitar ao nativo a leitura desses relatos de viajantes estrangeiros pela Amazônia deve ser objetivo de vários tradutores e alguns programas de pós-graduação de universidades brasileiras.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on colonialism*. New York; Monthly Review Press, 1972.

DWYER, Augusta. *Into the Amazon: Chico Mendes and the struggle for the rain forest*. Toronto: Porter Books, 1990.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2005.

MONBIOT, George. *Amazon watershed: the new environmental investigation*. London: Michael Joseph, 1991.

O'CONNOR, Geoffrey. *Amazon Journal: dispatches from a vanishing frontier*. New York: Dutton, 1997.

REISS, Bob. *The Road to Extrema*. New York: Summit Books, 1992.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim. Bauru: EDUSC, 1999.

REISS, Bob. *The Road to Extrema*. New York: Summit Books, 1992.

REVKIN, Andrew. *The Burning Season*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 dez. 1984. Folhetim, p.6-8. (Artigo incluído no livro *Nas malhas da letra*,

1989).

SHOUMATOFF, Alex. *O mundo em chamas: a devastação da Amazônia e a tragédia de Chico Mendes*. Trad. Luiz Fernando Martins Esteves. São Paulo: Best Seller, 1990.

TOMLINSON, Henry M. *The Sea & the Jungle*. New York: Marlboro Press, 1999.